

# BOLETIM DA EDUCAÇÃO

Nº 05 - JUNHO 95

## O TRABALHO E A COLETIVIDADE NA EDUCAÇÃO



ANTON MAKARENKO

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST

# SUMÁRIO

Apresentação.....3

A educação pelo trabalho, relações, estilo e tom na coletividade.....4

Reforma Agrária: Semeando educação  
e cidadania

# APRESENTAÇÃO

Este Boletim da Educação traz para reflexão dos leitores, algumas das idéias pedagógicas de um dos maiores clássicos da educação socialista: ANTON SEMIONOVITCH MAKARENKO.

Nascido na Ucrânia, em 1º de março de 1888, participou da primeira fase de elaboração e implantação de uma pedagogia coerente com os princípios e ideais da Revolução Socialista de outubro de 1917. Sua principal experiência foi com a re-educação de adolescentes e jovens marginalizados pelo antigo sistema vigente na Rússia antes da Revolução.

Seus dezesseis anos de trabalho contínuo na Colônia Górkki e na Comuna Dzerzhinski, além de trazerem resultados educativos assombrosos, construíram uma base real para o desenvolvimento de suas idéias pedagógicas, que têm atualidade até hoje. Suas principais contribuições estão no âmbito da relação entre educação, trabalho e coletividade na formação de personalidades novas, próprias a uma sociedade socialista.

Makarenko foi um dos primeiros pedagogos que conseguiu pôr em prática o princípio da combinação do ensino com o trabalho produtivo, e da coletividade infantil como método pedagógico. Também foi um dos primeiros a enfatizar a importância de um coletivo de educadores: "Nenhum educador tem o direito de atuar individualmente, por sua conta e sob sua responsabilidade", dizia ele com veemência!

O texto que segue foi uma de suas conferências sobre os problemas da educação escolar soviética, proferidas em janeiro de 1938, para o Comissariado do Povo de Instrução Pública da federação Russa. É considerado um trabalho de grande valor, porque é um dos únicos em que expõe de forma mais sistematizada sua teoria pedagógica.

Makarenko morreu em Moscou, Rússia, em 1939. Até hoje, muitos educadores continuam a encontrar nas meditações deste grande pedagogo, respostas a muitas questões que surgem na sua prática de educação.

Que nós também possamos fazer o mesmo. E com ele acreditar que através do nosso trabalho de educação as pessoas "simplesmente aprenderão cada vez mais a sentir as alegrias da vida em coletividade, a alegrarem-se, não com as suas vitórias pessoais, mas com as vitórias da humanidade, e esse é o sentido verdadeiro do socialismo."

Coletivo Nacional do Setor de Educação

São Paulo, Junho de 1995

# A EDUCAÇÃO PELO TRABALHO, RELAÇÕES, ESTILO E TOM NA COLETIVIDADE

**V**ou expor rapidamente o meu ponto de vista sobre a educação pelo trabalho, para depois passar ao capítulo final, que trata do estilo e tom da coletividade.

Recordareis que, no início da nossa revolução, chamávamos, à nossa escola, de trabalho, e todos nós, pedagogos, não estávamos tão impressionados pelo método de trabalho como pelo encanto que o vocábulo “trabalho” encerra, pela agradável impressão do trabalho como princípio. Na colônia, dispúnhamos de muito maiores possibilidades de trabalhar que na escola. No entanto, nos 16 anos que trabalhei na colônia Gorki e na comuna Dzerzhinski, tive que me sujeitar a um complicadíssimo processo de desenvolvimento da minha atitude para com o papel educador do trabalho, da organização dos processos de trabalho e, mesmo, da minha compreensão do próprio método de trabalho.

Em 1920, nem de longe podia imaginar a situação laboral que existiria na comuna Dzerzhinski em 1935 e 1936.

Não posso afirmar com segurança que o caminho por mim seguido na organização do trabalho, no seu desenvolvimento, seja justo, pois eu não era independente nesse aspecto e dependia de muitos critérios e pontos de vista de pessoas temporariamente relacionadas com minha ação, que introduziam nela o seu ponto de vista, alterações e formas. Durante os 16 anos, tive que me adaptar e continuar nas mesmas circunstâncias em que me encontrava. Na colônia Gorki, tive de me amoldar principalmente à escassez e extrair o princípio laboral da necessidade, da situação de penúria em que vivíamos. Na comuna Dzerzhinski, tive que me adaptar e, outras vezes, lutar contra algumas tendências manifestadas pelos meus chefes<sup>(1)</sup>.

Considero que, na história da minha coletividade, houve certos períodos aos quais posso chamar, com pleno direito, ideais. Na comuna Dzerzhinski, isto produziu-se, aproximadamente, em 1930 e 1931.

Por que chamo ideal a esse período? Porque todos os meus comuneiros já trabalhavam na verdadeira produção, ou seja a organização era tal, que já existia um plano industrial e financeiro, uma ordem harmônica que incluía todas as formas de uma autêntica fábrica: seção de planejamento e produção e de normas; isto é, normas para cada trabalho, uma dependência congruente entre todos os postos de trabalho, *uma variedade* de peças rigorosamente especificada, na qual não só figurava a quantidade das produzidas, mas também as normas de produção e qualidade.

Para então, a nossa produção já era plenamente rentável; não só cobria as suas despesas, como assegurava a vida cotidiana da comuna e permitia-nos acumular meios, ou seja, tratava-se de uma produção em toda a regra. Mas, ao mesmo tempo, os comuneiros não recebiam salários. Este problema é naturalmente discutível e continua por elucidar. Desconheço outros estabelecimentos que tenham efetuado esta experiência.

No fundo, eu era inimigo dos salários. A ascensão da produtividade do trabalho, partindo dos interesses da coletividade, o auge do entusiasmo laboral, alimentado constantemente não pelo entusiasmo de um momento crucial nem pelo cumprimento dos fins imediatos desta semana ou mês, mas por um entusiasmo sereno, uniforme, que vê as perspectivas distantes da coletividade e sob cuja influência se realiza um trabalho gigantesco que exige do pedagogo a mobilização psicológica, física e ideológica... Eu considerava esse entusiasmo a educação mais valiosa e tinha a certeza absoluta de que o salário destruiria e fracionaria um pouco esse quadro de prosperidade moral.

Não posso garantir que a introdução de salários se repercutisse na obtenção de certas realizações na obtenção de certas realizações complementares, e, em virtude disso, continuei a manter o meu ponto de vista. Já indiquei que trabalhávamos sem remuneração, fazíamos tudo o necessário, excedendo a norma e o plano de

<sup>(1)</sup> Alguns membros da Diretiva da comuna insistiam em que os comuneiros trabalhassem 6 horas por dia, reduzindo o período de aulas na escola. A.S. Makarenko, pelo contrário, considerava necessário estudar na escola 6 horas, pelo menos, e reduzir até 2 o trabalho na fábrica.

produção, e desfrutávamos de pleno bem-estar no aspecto material.

Mas achava-me rodeado de adversários muito influentes que não sentiam o menor interesse pelas minhas atividades pedagógicas, convencidos de que o salário aumentaria a intensidade do trabalho e interesse dos educandos por este, ponto de vista a tal ponto apoiado pelos meus dirigentes que me privaram de possibilidades e forças para lutar contra essa tendência, pelo que, nos últimos anos, a comuna adotou o sistema salarial.

Isto permite-me agora expor outras teses e considerá-las, porventura, negativas para a educação pelo trabalho. São: quando não existe produção; quando não há trabalho coletivo e apenas existem esforços isolados, ou seja, quando há um processo laboral que, aparentemente, tem como finalidade uma certa educação laboral.

Hoje não concebo a educação pelo trabalho nas comunas à margem das condições de produção. Provavelmente, também será possível este sistema de educação, isto é, poder educar-se com base num trabalho sem caráter produtivo. Este tipo de educação vivi-o relativamente pouco tempo, nos primeiros anos de existência da colônia Gorki, quando por carecer de meios produtivos e apetrechos para a produção, só me restava o remédio de recorrer aos meus próprios recursos produtivos e ao chamado processo de produção... De qualquer modo, estou convencido de que o trabalho que não tem como finalidade a criação de valores materiais não constitui um elemento de educação positivo, pelo que até o trabalho a que chamamos docente também deve dimanar do que representam os valores que o trabalho pode criar.

Na colônia Gorki, apressei-me a passar à produção, impelido pelas necessidades. Tratava-se de uma produção agropecuária. Para as comunas infantis, a agricultura é quase sempre desvantajosa. Durante dois anos, consegui, e apenas graças aos grandes conhecimentos e prática do agrônomo N.E.Fere, ter uma herdade rentável e não cerealífera, mas de gado. O nosso campo de ação fundamental residia no gado suíno; nos últimos anos, possuímos até 200 porcas e porcos e várias centenas de leitões. A herdade achava-se equipada com os últimos avanços da técnica. A pocilga, de construção especial e talvez tão asseada como os dormitórios da comuna, era lavada por meio de um

complicado sistema de tubagem, esgotos e torneiras que excluía o mais leve odor. Essa herdade, equipada com as últimas inovações da técnica e dotada de uma base forraginosa, proporcionava-nos bons lucros e permitia que vivêssemos com certo desafogo. Não só podíamos já comer e vestir bem, mas também completar com rapidez o nosso fundo material escolar, ampliar a nossa biblioteca, levantar e decorar um cenário magnífico. Com o dinheiro, adquirimos instrumentos para a banda de música, um projetor de cinema e tudo o que na década de 1920 não poderíamos possuir através de qualquer verba orçamental.

Além disso, a situação próspera da nossa economia permitia-nos auxiliar os que tinham sido educandos da comuna, em número cada vez mais elevado, os que estudavam em centros docentes superiores, os necessitados e muitos que contraíam matrimônio. Também nos custava os olhos da cara receber convidados ou empreender viagens. Íamos ao teatro com frequência e desfrutávamos de todo o bem estar correspondente ao cidadão soviético que cumpre os seus deveres de trabalho.

Todas as vantagens enumeradas representavam um impulso tão convincente para elevar o rendimento do trabalho, que nem me apetecia pensar nos salários.

Sem dúvida que estava ciente de que os educandos deviam dispor de algum dinheiro para despesas supérfluas, pois sou partidário fervoroso disso... A pessoa que empreende uma vida independente, deve possuir certa experiência em relação à sua verba pessoal e saber gastar dinheiro. Não deve ingressar na vida como um colegial inocente que não sabe o que é dinheiro. Todavia, naquele tempo, o Comissariado do Povo de Instrução Pública da Ucrânia opunha-se categoricamente a que se atribuisse qualquer pecúlio aos educandos das colônias, considerando que isso lhes inculcaria o mercantilismo. Assim, eu só podia entregar esse dinheiro, com a condição de eles não o divulgarem a pessoa alguma.

Mas essas exíguas quantias para pequenas despesas não as entregava na dependência do trabalho realizado em cada caso concreto, mas atendendo aos méritos gerais do educando em relação à coletividade.

Encontrei-me em situação idêntica na

\* Grande propriedade rural

comuna Dzerzhinski, onde não existia agricultura, mas produção industrial. Neste último estabelecimento, os comuneiros ainda dependiam mais da produção. A colônia Gorki recebia dinheiro por orçamento, enquanto a comuna Dzerzhinski não arrecadava nem um kopek, e creio não me enganar se disser que, durante toda a sua existência, não obteve coisa alguma do Estado. Assim, não só os benefícios complementares percebidos pela coletividade, mas também a alimentação normal, a simples fartadela dos comuneiros, dependiam exclusivamente do trabalho por eles realizado.

Na comuna Dzerzhinski, tive que iniciar a minha atividade numa situação muito difícil, muitíssimo mais complicada que na colônia Gorki, onde, apesar de tudo, existia um orçamento. A comuna Dzerzhinski foi construída com todo o luxo. Nos primeiros anos, a sua organização assemelhava-se um pouco aos estabelecimentos de beneficiência. Quiseram perpetuar a memória de Félix Dzerzhinski e construíram um belíssimo edifício, uma das admiráveis obras arquitetônicas de um arquiteto muito conhecido na União Soviética, na qual ainda hoje não se pode notar a menor discrepância de estilo, tanto no plano como no traçado da fachada, ornamentos da casa, linhas das janelas, etc. O edifício dispunha de excelentes dormitórios, um vestíbulo magnífico, banheiras, chuveiros e salas espaçosas e arejadas. Para vestir os comuneiros, contávamos com fatos de tecido de qualidade insuperável, em quantidade mais que suficiente; mas, em contrapartida, não nos enviaram qualquer máquina digna de menção. Não tínhamos horta, nem qualquer parcela de terreno, nem orçamento. Supunham que nos desembaraçaríamos sozinhos.

Nos primeiros anos, a comuna viveu do meio por cento que os chekistas da Ucrânia descontavam do seu salário, que ascendia à quantia mensal de 2.000 rublos. Mas eu necessitava, só para cobrir as despesas correntes, de 400 a 500 rublos por mês, incluindo a escola. Os restantes 2.000 ou 3.000 não fazia a mínima idéia aonde os iria buscar, pois não havia lugar algum para trabalhar. Existiam umas oficinas de sapataria, costura e marcenaria, que de oficina apenas tinham o nome e nas quais o Comissariado do Povo de Instrução Pública depositava as suas esperanças desde os tempos de Adão e Eva.

Todas essas oficinas já me haviam repugnado na colônia Gorki e não compreendia por que tinham sido organizadas na comuna

Dzerzhinski. Assim, de comum acordo com o meu conselho de chefes, encerrei-as ao cabo de uma semana, deixando unicamente o mais imprescindível para fazer face às nossas necessidades.

Nos primeiros três anos, a comuna Dzerzhinski atravessou profundas penúrias. Houve momentos em que, durante todo o dia, só levávamos à boca um pedaço de pão. Até que extremo passamos privações pode avaliar-se pelo fato de, nos primeiros oito meses, não ter recebido meu salário, alimentando-me com o mesmo pão que a comuna tragava... Houve dias em que a comuna não dispunha sequer de um kopek, vendo-nos obrigados a *pozíchat* (procurar), como dizem os ucranianos. Mas o mais notável era que, embora sofrêssemos e estivéssemos penalizados pela necessidade, tudo nos servia de estímulo magnífico para desenvolver o trabalho. Os chekistas - e estou-lhes profundamente grato por isso - nunca aceitaram que vivêssemos por orçamento, nem a pedir ao Comissariado do Povo de Instrução Pública que nos desse dinheiro para sustentar os educandos. E, na realidade, era uma vergonha: construíram a comuna e não fixaram qualquer verba para o sustento das crianças. Por esse motivo, todos os nossos esforços estavam orientados para ganharmos nós próprios o sustento, animando-nos o mais franco entusiasmo para assegurar nossa existência.

No primeiro ano, trabalhamos muito na nossa marcenaria, fazendo cadeiras e pequenos armários, o mais necessário do mobiliário doméstico. Também tínhamos clientela. Mas como os resultados eram péssimos, os paroquianos queixavam-se e, em regra, ficávamos a perder. O custo dos materiais, energia elétrica, pregos e cola bastavam para cobrir o preço que pedíamos aos clientes, pelo que trabalhávamos para nada.

Ajudou-nos uma circunstância afortunada. Convidamos, para que dirigisse a produção da comuna, Solomón Borísovich Kogan, homem que não aceitava princípio algum, no tocante à pedagogia, mas particularmente enérgico. Estou sumamente grato a esse camarada e espero um dia, agradecer-lhe em especial os princípios pedagógicos absolutamente novos que introduziu no meu trabalho, apesar de sua completa inobservância dos princípios pedagógicos.

As suas primeiras palavras impressionaram-me profundamente. Era um homem corpulento, ventruado e asmático, mas muito perseverante.

A primeira coisa que disse quando chegou à comuna foi o seguinte:

- O que? Cento e cinquenta comuneiros, trezentos braços, não podem ganhar para um prato de sopa? Como é possível? Têm de saber ganhar o sustento, não pode ser de outra maneira.

Era deste princípio que anteriormente duvidava. E o importante é que, transcorrido um mês, demonstrou que tinha razão e acabei por ter de sacrificar muitas das minhas teses pedagógicas.

Iniciou a sua atividade com certo espírito aventureiro, apresentando à Direção de Construção do Instituto da Construção a seguinte oferta:

- Posso fazer móveis para o Instituto.

Não dispunha da mínima base para tal, pois não sabíamos fazer móveis, para cuja produção carecíamos de ferramentas, nem tínhamos maquinário nem materiais; contávamos unicamente com Solomón Borísovich Kogan e 150 comuneiros.

Por sorte, tratava-se de pessoas confiantes e ingênuas, pelo que replicaram:

- Aceitamos. Podeis fazê-los.

- Nesse caso, especifiquemos a encomenda.

No pedido, figuravam alguns milhares de diferentes objetos para aulas: mesas, cadeiras, armários, etc. Quando vi que o especificado na lista ascendia a 200.000 rublos, pouco faltou para que chamasse o médico, a fim de verificar se Solomón Borísovich tinha febre. No entanto, contive-me e perguntei-lhe:

- Como lhe passou uma coisa destas pela cabeça?

- Havemos de dar conta do recado - replicou, confiante.

- Mas, por onde principiaremos? Sabe perfeitamente que precisamos de dinheiro e não o temos.

#### **A resposta foi a seguinte:**

- Acontece sempre que, quando o homem não tem dinheiro, diz que precisa dele. Mas, depois, descobre sempre onde o ir buscar, e nós

também o encontraremos.

- Onde? Quem no-lo dará?

- Porventura não há “patetas” no mundo, capazes de o proporcionar?

Pois, por estranho que pareça, descobriu-o. No próximo instituto, encontrou um “pateta”, perdoem a expressão, que aceitou a sua oferta. Todavia, Solomón Borísovich não se contentou com meias-medidas:

- Faremos os móveis, mas onde os guardarão? De momento, ainda estão a colocar os alicerces do vosso edifício. Os móveis estarão concluídos sem demora. Para onde os levaremos?

#### **Resposta do outro:**

- De fato, não temos onde os guardar.

E Solomón Borísovich Kogan prosseguiu na sua manobra:

- Podíamos armazená-los nós.

- Têm espaço para isso?

- Não, mas podemos construir uma dependência que sirva de armazém. É claro que, para tal, necessitaremos de 50.000 rublos.

- Aqui os tem.

Recebemos o dinheiro, mas os comuneiros, Solomón Borísovich e eu fomos unânimes em não construir local algum. Com aquela quantia, compramos máquinas de trabalhar madeira e materiais, além de que Solomón conseguiu um adiantamento e principiou a confeccionar, não mobiliário para o Instituto de Construção, mas toda a espécie de objetos que podiam ser vendidos no mercado. Começou por cadeiras de escoamento fácil, contudo, as primeiras eram toscas, quase impossíveis de utilizar. Solomón Borísovich afirmava que, enquanto os comuneiros não soubessem fazer cadeiras inteiras, se especializariam em escabelos, e implantou a divisão do trabalho. Entretanto, eu duvidava muito de que desse resultado.

A sua divisão do trabalho consistia no seguinte: um comuneiro escovava, outro serrava, o terceiro desbastava, o quarto polia, o quinto verificava a produção, etc. Mas não obtinha qualquer processo de estudo e, quando se aperceberam, os comuneiros procuraram-me, ale-

gando que com semelhante forma de trabalhar nada aprenderiam. Na assembléia geral, afirmou-se que aquele trabalho era necessário e a comuna devia trabalhar para comer, embora não fosse menos imperioso que proporcionasse lucro e ensinasse, enquanto com a construção dos escabelos não se aprendia coisa alguma.

Solomón Borísovich revelou-se um verdadeiro conhecedor da sua profissão. Dividiu a produção da cadeira em dezenas de operações e cada comuneiro executava exclusivamente uma delas; no entanto, graças a essa estruturação de trabalho, a produção cadeirífica, por assim dizer, assumiu uma dimensão invulgar.

O nosso pátio não tardou de estar abarrotado delas, se bem que de qualidade inferior. Ao princípio, Solomón Borísovich confiava mais em toda a espécie de retificações: quando as cadeiras estavam terminadas, com uma pasta especial de cola e serradura, invenção sua, obstruía todos os orifícios e fendas, polia, etc. A verdade é que, meio ano depois, soube transformar os 50.000 rublos de fundos fixos em 200.000, o que lhe permitiu adquirir mais máquinas e madeira e passar à produção de mobiliário teatral...

Mais tarde, Solomón Borísovich tornou-se chefe de abastecimento, cargo que, em virtude de sua especialidade e talento, lhe assentava como uma luva. E embora depois a produção fosse dirigida por um engenheiro, convenci-me de que a rigorosa divisão do trabalho em pequenos processos resulta muito útil.

É claro que, se me limitasse à carpintaria, os meus comuneiros apenas serviriam para trabalhar numa fábrica dessa especialidade e com uma grande divisão do trabalho. Mas o êxito comercial, o êxito no sentido da produtividade do trabalho, permitiu-nos cobrir tão desafogadamente as nossas exigências, que, um ano após a chegada de Solomón Borísovich Kogan à comuna, procuramos os chekistas e agradecemos-lhes o auxílio prestado, indicando que cessassem o desconto dos seus emolumentos. Transcorrido um ano, já possuíamos 600.000 rublos na conta corrente do Banco.

Esses lucros foram resultado da nossa produção. Com os 600.000 rublos, já ninguém podia nos apelidar de estabelecimento de beneficiência, mas de empresa solvente na qual se podia confiar.

E a prova disso demonstrou-o o fato de o Banco nos conceder empréstimos para a cons-

trução. Em 1931, erigimos a primeira fábrica, na qual havia todas as condições para trabalhar metais, produzindo furadoras elétricas, máquinas deveras complicadas que, até então, se importavam. Não tardamos a assimilar a sua produção, apesar de elas terem um motor, 150 peças e muitas e variadas engrenagens, pelo que exigiam fresadoras; mas, aproveitando a experiência da divisão do trabalho na madeira, pudemos aprender rapidamente a produção metalúrgica. A psicologia do operário que só produz uma peça, mas que executa o processo até a perfeição, também nos serviu para o metal. Em média, necessitamos de noventa dias para aprender o manejo das máquinas-ferramentas muito complicadas, a cargo de comuneiros de 13 e 14 anos.

O trabalho na fábrica de elaboração de metais desenrolava-se tão bem, que principiámos a construir uma fábrica de material fotográfico. E, apesar de essa produção ser muito complicada, equipamo-la com as nossas ferramentas. A atual fábrica de máquinas fotográficas da comuna é nossa, podendo ver-se nela máquinas-ferramentas que nem todas possuem; além disso, é exigido um processo complicadíssimo com precisão que vai até um micron, ou seja, requerem-se instrumentos muito complicados, ferramentas altamente selecionadas e um sistema de técnica de verificação montado numa base científica e muito rigorosa.

Estou convencido de que não teríamos podido chegar a esse rigor se não principiássemos pela produção de cadeiras com divisão do trabalho. Eu compreendia que o problema não consistia em por onde começar, mas na lógica da produção, apoiada nos dados mais modernos, que são a divisão do trabalho e o plano de produção.

Quem não estiver ligado à produção, terá dificuldade em compreender o que é esse plano. Não reside apenas em especificar quantas mesas e cadeiras se devem fazer. Trata-se de uma espécie de conjugação de esforços, fina, cheia de normas e relações. É como um desenho entretecido por toda a espécie de peças e blocos que continuam o seu movimento de uma máquina para outra. Deve também prever-se a adaptação da qualidade necessária do material, seu fornecimento, entrega de ferramentas, sua afiação e renovação e, por último, as pretensões do controle, pois numa boa produção, a verificação pressupõe igualmente a existência de toda a espécie de dispositivos, normas e condições. É um complicadíssimo “ferramental” da atividade



humana. E, com base nele, temos de educar os nossos cidadãos, pois não participam numa produção artesanal, mas em grande escala estatal, organizada com vista aos últimos progressos da ciência.

Compreende-se que, depois de ver esta maquinaria na comuna Dzerzhinski, não só não possa imaginar uma oficina de sapataria ou de confecção, mas tão-pouco uma de lavragem de madeira com máquinas manuais...

Eu próprio não podia conceber a que resultados nos conduziria a transição gradual da educação pelo trabalho para a educação através da produção. Nos últimos anos, porém, já não me surpreendia quando os meus rapazes de 13 e 14 anos manejavam um grupo de máquinas fresadoras, para o que se torna necessário saber matemática e uma inteligência nada comum.

Escusado será dizer que, para essa produção, se torna imperioso conhecer a qualidade do material e da ferramenta de corte, saber interpretar os planos e muitas outras coisas. E, ao lado de um rapaz de 14 ou 15 anos, que já é um excelente fresador e dirige um grupo de fresadores, pode ver-se outro de 16 ou 17, chefe de oficina, possivelmente de uma oficina de produção menos difícil, mas que, quando atinge os 19 anos, se encontra à frente de uma oficina de produção mais complicada. Volodia Kózir, por exemplo, que foi elemento de ligação meu e só sabia correr e encontrar o camarada que eu necessitava, dirigiu uma complexa oficina mecânica.

Este caminho, que um adulto percorre porventura em 10 anos, para um rapaz da produção basta 1 ou 2. Este caminho, que eu empreendi, não é tão fácil como parece e custa a crer com prontidão que rapazes e moças atinjam tão elevada qualificação na produção. Em relação às moças, devo fazer a seguinte ressalva: também conseguem com rapidez as normas stajanovistas de produção, não no lavrado de metais, mas no processo de montagem, numa produção que não exija grande esforço físico, particularmente na produção ótica: de lentes, que requerem mais limpeza e precisão externa. Quanto à exatidão de movimento e atenção para com o trabalho, as moças superavam os rapazes. Estes mantinham a primazia como desenhadores e elas suplantavam-nos pelos dotes de exatidão e espírito de organização nos processos mais complicados e de responsabili-

dade. Os rapazes não conseguiram assimilar a produção de lentes óticas, que se confiou inteiramente às moças. No processos de montagem de mecanismos de muita precisão, onde não só necessitavam movimentos rigorosos de mãos e uma visão certa, mas também uma colocação muito rigorosa e exata das peças sobre a mesa, as moças adiantaram-se igualmente aos rapazes, tanto na produção como na organização.

De um modo geral, os rapazes eram acérrimos metalúrgicos e as moças não; o metal não lhes despertava emoções especiais. O ferro, cobre e níquel fazem sempre vibrar as fibras mais íntimas dos rapazes, enquanto as moças procuram não trabalhar em fresadoras, tornos-revólver e, particularmente, nas máquinas que funcionam com emulsão, salpicam e enchem de óleo.

Tais são os tipos de trabalho para os quais a minha coletividade passou no seu último ano.

Se examinarmos esse trabalho do ponto de vista da compreensão vulgar do processo pedagógico, ou seja, entre a pessoa do educando e o seu educador, é muito possível que a produção vos pareça um processo pedagógico erradamente estruturado, mas se o observarmos à escala da coletividade e do tempo, apresentar-se-vos-á muito atraente.

Toda a produção complicada é, já de si, boa, pois rasga horizontes que satisfazem todo o gênero de preferências e entusiasmos.

Numa produção como a de máquinas fotográficas FED, dispomos de uma vasta seção de desenho, na qual trabalham dezenas de desenhadores, departamentos de planejamento e verificação, uma grande oficina de ferramentas e a seção de comércio, pelo que cada educando pode pôr em prática a atividade mais do seu agrado. A seção de desenho achava-se exclusivamente a cargo de comuneiros. Por outras palavras, trabalhavam nela os que sentiam entusiasmo e inclinação para esse trabalho.

A oficina de ferramenta é a que proporciona maior qualificação, pois após a passagem do rapaz por todas as oficinas e seções, coroa a sua formação profissional na das ferramentas, da qual pode sair transformado num excelente ajustador, isto é, receber a categoria máxima como mecânico.

Em cada um dos pontos deste processo de

\* Lucro, proveito, retribuição, gratificação, rendimento dum cargo, além do ordenado fixo.

produção encontro utilidade para educar o caráter da pessoa que sai da comuna. Sou visitado frequentemente por antigos comuneiros que agora estudam em institutos e outros que vêm da cidade. Todos eles receberam ensino superior ou estudam para este fim. Há historiadores, geólogos, médicos, engenheiros, desenhadores, etc. Mas há no caráter de todos uma característica especial de amplitude e multiplicidade de critérios, costumes, pontos de vista, etc.

Não há muito tempo, visitou-me um médico. Recordo-me que, na comuna, era retificador numa grande máquina que trabalhava as peças até o último grau de precisão, uma centésima de milímetro.

Dominava a vista, mãos e máquina com tal perfeição, que trabalhava sem comprovar as medidas. A sua intuição da máquina era perfeita. Esse magnífico retificador é agora médico, mas continua a manifestar na sua filosofia um respeito apaixonado pela precisão. E quando, agora, observo os comuneiros, vejo neles o reflexo dos hábitos que adquirira, em todos os trabalhos de organização e produção por eles realizados.

A coletividade que dispuser de uma fábrica e responder por ela, adquirirá muitos hábitos organizadores, isto é, aqueles de que o cidadão da União Soviética decerto mais necessita. Em cada assembléia geral, em cada reunião de produção dos chefes ou, simplesmente, nas reuniões dos grupos, na oficina, durante a conversa cotidiana, essa capacidade organizadora exercita-se sempre, e a coletividade não só se acostuma a todo o momento a exigir responsabilidade a cada operário, mas também a cada comuneiro como organizador. Se tiverdes de formar uma idéia de toda a complexidade de que a produção se reveste, deveis igualmente conceber toda a complexidade das relações do homem com a produção. Na assembléia geral, a que assistem aprendizes da oficina mecânica, da de ótica de uma ou outra oficina de montagem e de ferramentas, vemos, por vezes, alguém declarar que há necessidade de determinada peça. A oficina de montagem recolhe a opinião de pessoas sem a menor relação com ela, as quais dão seu parecer, ou seja, compreendem que necessitam de uma oficina de montagem, exprimem-se como organizadores.

Uma exercitação ainda maior de qualidades organizadoras opera-se na própria oficina, durante o trabalho. A direção de um grupo de máquinas fresadoras exige conhecimentos de organização e um chefe unipessoal.

Reconheço que não é tão fácil organizar um tipo de produção deste gênero, mas não se pode falar apenas de coisas fáceis. E necessitei de 16 anos de trabalho para organizar esta produção, 16 anos de carências e luta. Mas não importa, pois estou persuadido de que qualquer coletividade infantil que queira passar a uma produção importante também consumirá um mínimo de 19 anos, e, naturalmente, as primeiras gerações, as chamadas a lutar para conseguir essa produção, abandoná-la-ão sem terem desfrutado de todos os seus benefícios. Essa parte fica reservada para as promoções seguintes.

Mas também não se deve pensar que as primeiras gerações se afastarão desapontadas, porquanto lutar por fins com vista a anos vindouros também se reveste de muito valor quanto à qualificação e educação dessas gerações. É possível que o principal de todo o processo consista nessa luta coletiva, nessa ânsia de progredir, nessa marcha para alvos claramente estabelecidos.

Considero-me afortunado por a minha coletividade ter sempre visado objetivos difíceis formulados com clareza, deslocando-se sempre para eles, não através de um simples movimento no espaço, mas superando dificuldades, incluindo a miséria e atritos no seio da própria coletividade. E quando se procede assim, animado de fins tão determinados, a questão do salário não assume uma importância de princípio. Numa coletividade com função econômica, em que os processos de trabalho se descortinam perfeitamente, reina um bem-estar palpável e profundo e cada rublo acumulado representa uma promessa para o dia de amanhã. Não há necessidade de estimular cada pessoa com o seu salário individual.

Introduzi o salário mais tarde, mas soube conservar o tom coletivo e nivelar o prejuízo que o salário poderia acarretar, quando se trata de pessoas de pouca idade. Na coletividade infantil, farei o que for necessário para que as crianças andem bem vestidas, respondo por isso, aliás, as suas instalações estejam quentes no Inverno e a sua escola funcione bem. Por isso, embora o salário continue a constituir certa satisfação complementar, numa boa coletividade essa situação consegue-se sem recorrer ao incentivo do dinheiro. Cheguei mesmo a conseguir que todo o fundo salarial ficasse à minha disposição. Foi essa a decisão da assembléia geral. E os comuneiros interessavam-se menos pelo dinheiro que se lhes entregava pelas quantias que ingressavam na Caixa Econômica para a sua vida futura.

Nesse aspecto, as últimas normas foram as seguintes. Primeiro, cada comuneiro descontava uma quantia apreciável - 10% do salário - para o fundo do conselho de chefes.

Isto permitiu-nos reunir rapidamente um fundo elevado, de que o conselho de chefes já dispunha. Esse dinheiro não se considerava propriedade individual dos comuneiros e destinava-se, principalmente, a reforçar o trabalho cultural e auxiliar os nossos antigos comuneiros.

Em regra, o restante do salário dos comuneiros dava entrada na Caixa Econômica, considerando-se que, quando o educando abandonasse a comuna, disporia de um mínimo de mil rublos, dinheiro que não podia receber enquanto permanecesse na comuna e, de resto, era impossível entregar-lho em qualquer altura sem o meu "visto". Houve comuneiros que chegaram a receber de 2.000 a 2.500 rublos, produto das suas economias nos 5 ou 6 de permanência na coletividade; por último, uma pequena parte do dinheiro destinava-se às suas despesas correntes. Realizávamos excursões todos os anos, as quais, para mim, se revestiam também de grande importância na qualidade de grandes medidas coletivas. A comuna efetuou 6 grandes excursões, com as seguintes características. Entendíamos por excursão: viagem de comboio, marcha obrigatória a pé numa distância não inferior a 80 ou 100 quilômetros, vida em acampamentos, marcha a pé de regresso e, de novo, viagem de comboio. Costumávamos organizá-las a partir do Outono. Para mim, tinham importância como perspectivas de veraneio, as mesmas que vós formulais, ponderando onde passareis as férias estivais, ou seja, sonhando e preparando. Assim, quando o trabalho nas fábricas terminava, já sabíamos como passaríamos as nossas férias.

Essas excursões assumiam grande importância para mim, porque me serviam para mobilizar, ao longo do ano, cada indivíduo e toda a coletividade na preparação da asseguuração material, ajudando-me a realizar a preparação cultural dos educandos e muitas outras medidas. Por exemplo, para efetuar uma excursão pelo Cáucaso, que compreendia Vladikavkaz<sup>(2)</sup>, Tbilisi e Batumi, tornava-se necessário proceder aos preparativos durante todo o Inverno, destacar uma pessoa que averiguasse onde pernoitar e obter alimentação, missão atribuída a um dos

comuneiros. Nos últimos anos, chegamos a preparar as excursões com tanta minúcia que, quando, por exemplo, a nossa coletividade de 500 pessoas saía de Járkov, o comuneiro Ivanov sabia que, chegado a determinado quilômetro, junto do respectivo marco, devia entregar ao comuneiro Petrov o bombardino que tinha que levar por toda a Estrada Militar Georgiana. Evidentemente que Ivanov não o podia transportar ao longo de 400 quilômetros, pois a sua missão consistia em tocar quando era necessário, competindo a todos os educandos levar o instrumento por turnos de 10 quilômetros. E sabia-se com exatidão junto de que posto quilométrico qual o comuneiro que tinha de passar a transportar o bombardino.

Convém prever pequenos pormenores como este, para que a marcha não se transforme num pesadelo. E momentos mais sérios, como a subida para o comboio, lugares para pernoitar, etc., para ficar num recinto abrigado, com água próxima, a existência de pessoas com as quais se possa falar e organizar uma reunião - tudo isto exige igualmente uma viagem prévia de exploração.

A excursão mais longa que realizamos foi pelo itinerário Járkov, Nizhni Nóvgorod<sup>(3)</sup>, Estalinegrado<sup>(4)</sup>, Sochi, Odessa, Járkov, que nos ocupou mês e meio e careceu de uma preparação conscienciosa. Navegamos 15 dias no Volga e, no início de cada jornada, o comandante do barco perguntava aos comuneiros:

- Continuamos a navegar ou lançamos a âncora?

#### **E eles respondiam:**

- A todo o vapor com rumo ao Kama e depois regressemos ao Oká!

O próprio comandante só bebia vodca com a nossa autorização. Era um beberrão inveterado, que obrigamos a comparecer diante a assembléia geral, depois de encalhar o barco perto de Samara<sup>(5)</sup>.

Cada comuneiro preparava-se independentemente para a excursão, economizando, pois supunha que poderia adquirir objetos valiosos durante a viagem. Em geral, nada disso

<sup>(2)</sup> Atualmente, Orhonikidze

<sup>(3)</sup> Atualmente, Górkí

<sup>(4)</sup> Atualmente, Volgogrado

<sup>(5)</sup> Atualmente, Kuibyshev

aconteciam, e a única coisa que compravam eram carteiras de bolso, porta-moedas, tomavam limonadas, comiam caramelos, a mesma coisa que se podia fazer em Járkov. Não obstante, os bombons comprados em Uliánovsk pareciam-lhes mais deliciosos que os que se vendia em Járkov.

O dinheiro não era guardado pelos comunistas, pois depositavam-no na minha caixa, pelo que sempre que empreendíamos uma excursão, levava comigo uma mala com 50.000 ou 60.000 rublos.

Todas estas medidas restringiam a afeição pelo dinheiro, por ganhar mais, o que numa coletividade sem organização nem disciplina poderia resultar penoso e desagradável no processo educativo.

Passarei agora a abordar, como conclusão da minha comunicação, o tipo e caráter fundamentais que se devem obter do indivíduo numa coletividade educadora. Penso que, em relação a este ponto, nós, pedagogos, não ponderamos tudo até o fim. Estou profundamente convencido de que as qualidades da nossa personalidade soviética são diferentes, em princípio, das inerentes às da pessoa na sociedade burguesa, razão pela qual a nossa educação deve ser, em princípio, diferente.

A educação na sociedade burguesa reduz-se a individualizar a personalidade, a que cada pessoa se adapte à luta pela existência. É absolutamente natural que se inculquem a esse indivíduo as qualidades necessárias para sustentar essa luta: picardia e diplomacia para enfrentar a vida, lutar isoladamente, ser um lutador independente pela sua própria existência.

Não devemos, pois, estranhar que, na velha escola, e em qualquer escola burguesa, se ensine este complexo de dependências do homem, necessárias na sociedade burguesa, cadeia de dependências completamente diferente da que o homem experimenta no nosso país.

Recordareis como nós, os velhos, estudamos. Não é que nos repetissem até à exaustão que nos devíamos subordinar à classe endinheirada e depender do funcionarismo czarista, mas todo o conteúdo da nossa educação estava saturada por essa idéia. Mesmo quando nos diziam que o rico devia socorrer o pobre, essa exigência, aparentemente tão bela e sublime, encerrava na sua essência determinada indicação à dependência existente na vida entre ricos

e pobres. O fato de o abastado ter de me socorrer a mim, um pobre, significava por si que o rico dispunha de riquezas, estava em condições de me auxiliar e eu só podia contar com a sua ajuda, a sua dádiva, o auxílio de um endinheirado. Eu, como pobre, era alvo de sua caridade. A isto se circunscrevia a profunda persuasão do sistema de subordinações que eu devia encontrar na vida. Depender da situação material, da boa vontade, riqueza, caridade e crueldade, tal era a cadeia de dependências para a qual a pessoa se preparava.

O nosso educando também se prepara para um determinado sistema de dependências. É um equívoco horrível supor que, uma vez livre do sistema de dependências da sociedade burguesa, ou seja, da exploração e distribuição desigual dos bens vitais, o educando ficará em geral, livre de toda a dependência. Na sociedade soviética, existe uma cadeia de dependências completamente diferentes, próprias dos membros da sociedade que não formam uma simples multidão, mas uma vida organizada e tendem para um determinado fim. Neste nosso espírito de organização, também há processos e fenômenos que determinam o aspecto moral do nosso cidadão soviético e respectiva conduta.

E todos nós, à medida que a vida se desenvolve no seio da sociedade soviética, crescemos e desenvolvemo-nos como membros de uma coletividade, isto é, como pessoas que se encontram dentro de um determinado sistema de dependências. Ignoro se, neste aspecto, cheguei ou não ao termo do meu trabalho, porém este conteúdo da educação foi sempre aquele que mais me interessou. Referi-me um pouco a ele, quando tratei da disciplina.

Para representar o problema mais claramente, examinemos uma coletividade em ação, precisamente uma coletividade e não uma multidão, ou seja, uma coletividade que tenha determinados fins comuns formulados. As dependências nela serão muito complicadas, pois cada pessoa, separadamente, deverá fazer concordar as suas aspirações individuais com as dos outros, de modo que os fins pessoais não estejam em conflito com os comuns; primeiro, os do grupo e, depois, os da respectiva coletividade primária com os do grupo mais próximo. Por conseguinte, os fins pessoais. Esta harmonia de fins comuns e pessoais determina o caráter da sociedade soviética. Para mim, os fins comuns não são apenas os principais, os predominantes, mas também os relacionados com os meus fins pessoais. Pelo visto, a coletividade infantil só

pode ser organizada sob este princípio, de contrário não se tratará de uma educação soviética.

Na vida prática da coletividade, surgem a cada passo problemas que contrapõem os fins pessoais aos coletivos, assim como problemas relacionados com a harmonização destes. Se, na coletividade, se faz sentir essa contradição entre os fins comuns e particulares, pessoais, isso significa que não é uma coletividade soviética e está mal organizada. E só onde os fins pessoais e gerais coincidem, onde não há qualquer desconformidade, se pode afirmar que existe coletividade soviética.

No entanto, este problema não se pode resolver se desprezam os pormenores práticos de cada dia. É uma questão que apenas se pode solucionar na prática de cada comuneiro e cada coletividade. É prática, chamo estilo de trabalho. Penso que a questão do estilo do trabalho pedagógico se reveste de tanta importância, que deve ser digna de ter monografias especiais.

Na nossa pedagogia, pode falar-se da educação de um camarada, da atitude do membro de uma coletividade para com um indivíduo pertencente a outra coletividade, pessoas que não são independentes, que não se movem no vácuo, mas estão ligadas à coletividade pelas suas relações ou compromissos, pelo seu dever e honra, pelos seus movimentos em relação a esta. Essa atitude organizada dos membros de uma coletividade para com os de outra deve ser decisiva na formulação da educação.

O que é uma coletividade? Não é simplesmente um conjunto, um grupo de indivíduos que colaboram mutuamente, como ensinavam os *paidólogos*. É um complexo de indivíduos animados de um fim determinado, que estão organizados e possuem organismos coletivos. É onde existe organização coletivista há organismos coletivos, uma organização de pessoas representantes, de apoderados dela, e o problema da relação entre camaradas já não constitui uma questão de amizade, carinho ou vizinhança, mas um problema de dependência responsável. Mesmo quando os camaradas se encontram em condições análogas, alinham juntos, cumprindo funções aproximadamente iguais, não só une uma simples amizade, mas os laços da responsabilidade comum pelo trabalho, pela sua participação comum na ação da coletividade.

Mas oferecem particular interesse as relações entre camaradas que não alinham juntos, mas em fileiras diferentes, assim como também

se revelam particularmente curiosas as dos camaradas cuja dependência é desigual, em que um se subordina a outro. O fato de poder criar relações de subordinação e não de igualitarismo representa o maior X da questão e a faceta mais difícil de uma coletividade infantil. É precisamente isto que os nossos pedagogos mais receiam. Um camarada deve saber subordinar-se a outro, não de forma simples, mas sabendo aceitar essa subordinação.

Por seu turno, aquele que manda também deve saber ordenar ao seu camarada, ou seja, encomendar e exigir determinadas funções e responsabilidade.

Saber subordinar-se assim ao camarada - quando não se trata de uma subordinação à riqueza, a uma força, à esmola ou dádiva, mas de uma subordinação entre membros iguais em direitos de uma coletividade - constitui uma tarefa extraordinariamente difícil, não só para uma sociedade de crianças, mas também de adultos. E quando restam reminiscências do passado, todas se reúnem neste ponto nevrálgico. É particularmente difícil numa pessoa de posição igual, pelo simples fato de a coletividade lhe haver conferido essa autoridade. Opera-se aqui um complexo extremamente complicado. Eu só saberei ordenar a um camarada, encomendar-lhe algo, despertar a sua atividade, responder por ele, quando sentir a minha responsabilidade perante a coletividade, quando souber que, ordenando-lhe, cumpro a vontade coletiva. Se não sentir isto, apenas haverá em mim campo para o predomínio pessoal, para a avidez do poder, para a ambição e todos os outros sentimentos e tendências alheias a nossa ordem de vida.

Preocupei-me muito com este aspecto de problema, pelo que decidi estabelecer um princípio muito complicado de dependências e subordinações na coletividade. Como exemplo, temos o rapaz que hoje é chefe de serviço, dirige a coletividade humana, e amanhã se subordinará a um novo dirigente, caso típico e magnífico deste tipo de educação.

Nesse aspecto, fui mais longe. Esforcei-me por entrelaçar o mais estreitamente possível a dependência mútua dos diferentes apoderados da coletividade, de modo que as subordinações e ordens se encontrassem com a maior frequência possível...

Foi isto que me induziu a... passar pelo sistema de coletividades primárias, mas com direito de comando unipessoal por mim conferi-

do ao seu chefe. Procurei dividir a coletividade em destacamentos de 10 pessoas, para que houvesse o maior número possível de apoderados, e fiz o que pude para criar um número elevado das mais diversas comissões, até chegar, nos últimos tempos à atribuição de missões a uma única pessoa.

Aproveitei todos os casos para aplicar esta forma. Vou citar o primeiro exemplo que me acode à mente. Tornou-se necessário transferir os rapazes para outro dormitório, reagrupá-los por dormitórios, à medida que chegassem novos rapazes, etc. Incrustávamos sempre os novatos nos destacamentos antigos. Ora bem, o conselho de chefes dispõe que a transferência se efetue a tal hora e só autoriza levar o colchão, cobertor, lençóis e almofada, proibindo-se a remoção das camas, mesas, fotografia e armários e nomeando-se responsável da mudança, digamos, Kózir. Ao princípio, a execução da manobra não era fácil, pois ninguém se queria subordinar a Kózir, o qual não encontrava um meio para se fazer obedecer por 400 pessoas.

Ultimamente, não só consegui que isto se realizasse, como que o próprio Kózir e os outros permanecessem nos seus postos. Colocado no corredor, com uma indicação do dedo, um franzir de sobrolho ou um olhar, Kózir ordenava o que era necessário e todos acatavam as suas decisões.

Suponhamos agora que tinha de me ocupar de 20 vagabundos no comboio da noite. Nestes casos, o conselho de chefes destacava sempre uma brigada especial, livre de outros serviços, composta por 5 ou 6 pessoas, chefiada por Zemlianski, o qual compreende perfeitamente o que representa ser chefe da brigada, e os 5 ou 6 educandos aceitam imediatamente todas as suas disposições. Esta subordinação é, de certo modo, uma satisfação para eles, pois vêem que existe um centro que os dirige e responde por eles.

Zemlianski compreende que toda a operação depende dele e o mesmo acontece com a brigada, pois sabe que para fazer descer dos tejadilhos das carruagens os vagabundos, na estação, se torna necessário selecionar rapazes destemidos. Assim, Zemlianski cumpria a sua missão. Eu não o podia comprovar. Ele era obrigado a cumprí-la e comunicar, mais tarde a sua realização.

Considero características especiais do estilo da coletividade infantil soviética as seguintes:

Em primeiro lugar, o tom elevado. Coloco esta qualidade como pedra angular do sistema. Animação constante, nada de expressões severas ou gestos peremptórios, disposição permanente para a ação e alegria, mas em caso algum para o histerismo. Estaremos sempre preparados para empreender ações úteis, interessantes e de conteúdo, que tenham sentido, mas que de modo algum conduzam à desordem e gritaria, que não redundem em estúpidas ações zoológicas.

Repudio abertamente atos de tipo zoológico como os gritos e correrias. Na comuna Dzerzhinski, em que viviam 500 rapazes e moças, isso nunca se verificou. Em contrapartida, salta à vista o otimismo e a segurança constantes na sua vida e estado de espírito.

Este tom supremo não se pode criar por métodos especiais, naturalmente, pois constitui o resultado de toda a ação da coletividade, de tudo o que referi.

A característica seguinte que define o estilo é a sensação de dignidade. É claro que não se pode conseguir de um dia para o outro. Essa segurança na própria pessoa advém do valor, do que para nós representa a coletividade e do orgulho que nos inspira.

Se tiverdes ensejo de visitar a comuna, verificareis que vos recebem com toda a espécie de atenções e amabilidade. O primeiro comuneiro que encontrardes, saudar-vos-á obrigatoriamente com uma inclinação de cabeça e proferirá:

- Bom dia! Dizei-me o que desejais, por favor.

E todos os outros apressar-se-ão a acudir:

- Quem sois? Em que vos podemos servir?

A amabilidade para com cada visitante, cada companheiro, deve ser levada até à perfeição. Mas a cortesia deve ser acompanhada de uma resistência permanente à penetração na comuna, na coletividade, de qualquer estranho, de qualquer espécie de elementos ociosos e, ainda menos, de inimigos. É por essa razão que se recebe todo aquele que se apresenta na comuna e acompanha com extrema amabilidade, o que não impede que se lhe pergunte imediatamente:

- Quem sois? Que desejais?

E se certificarem de que o visitante não

está na comuna por qualquer motivo especial, acrescentarão com menos amabilidade:

- Lamentamos, mas não vos podemos receber. Se tivésseis algum assunto a tratar, seria diferente.

A qualidade para pressentir o que nos rodeia, a aptidão para notar igualmente aquilo que se não vê, é inculcada ao longo de uma ação laboriosa e prolongada.

E torna-se necessário empenhar grandes esforços e ter sempre presente a necessidade de inculcar no indivíduo esta qualidade orientadora. Os gritos que se ouvem com frequência numa coletividade infantil demonstram, acima de tudo, a plena ausência de orientação, a única sensação de uma pessoa e do seu movimento. Não se apalpa aquilo que nos rodeia, mas o verdadeiro cidadão soviético deve pressentir em todas as suas fibras, quase inconscientemente, o que se passa à sua volta.

Observei que a maior parte dos educandos de casas e colônias infantis adotam um tom muito antipático com as pessoas que os visitam. Seja quem for que chegue, sem se preocuparem com a natureza do visitante, começam a queixar-se dos educadores, do responsável dos serviços de intendência e dos seus próprios companheiros. Consegui que os comuneiros não expusessem essas queixas a pessoas alheias à comuna.

Verifica-se amiúde que os comuneiros estavam descontentes com uma ou outra coisa. Deixavam-no transparecer no conselho de chefes, mas nunca se permitiram queixar-se em presença de outras pessoas em relação às quais a coletividade era um todo monolítico. A ânsia de uma pessoa em se queixar não constitui autocrítica. Demonstra o ânimo de alguém que se sente infeliz na coletividade. O sentimento de defesa deve existir especialmente na coletividade e enaltecer o seu estilo. Deve formar-se onde há orgulho, onde se formulam exigências a cada indivíduo, ou seja, onde cada um se sente protegido da violência, despotismo e escárnio.

E esse espírito de defesa advém da própria experiência. Consegui que até os mais pequenos - os rapazes e moças mais sensíveis de 10 e 12 anos - não se sentissem membros inferiores da coletividade. No trabalho sim, mas no seu estado de espírito, na sua própria segurança, sentiam-se perfeitamente protegidos, pois apercebiam-se de que ninguém os poderia molestar, uma vez que não só seriam defendidos pelo

respectivo destacamento, brigada e por mim, mas também, pormenor mais importante, pelo primeiro camarada que surgisse.

Pelo visto, esta idéia da defesa não basta só por si; impõe-se criá-la e trabalhar nela. Mas conferindo sempre a esse estilo um tom elevado, capacidade de movimento, energia, ação, deve criar-se simultaneamente a faculdade do auto-domínio. É exatamente isto que o educador corrente consegue com pouca frequência. Saber dominar-se é uma coisa muito difícil, em especial a infância, uma qualidade que não procede da simples biologia e só pode ser educada. E se o educador não se preocupou em ensinar as crianças a dominarem-se, essa qualidade não se adquirirá. Os comuneiros sabem perfeitamente que a pessoa que não se contém é uma máquina avariada. Esse autodomínio exprime-se em cada movimento físico e psíquico, sobretudo nas discussões e polémicas. As crianças zangam-se muito amiúde por não saberem dominar os impulsos.

Inculcar o hábito de ceder ante o camarada é algo de muito difícil. Consegui esse espírito de coesão, baseando-me exclusivamente em considerações de utilidade coletiva. Providenciei para que, antes que as crianças se zangassem, surgisse essa retenção, esse travão, que impossibilitaria a zanga. Valendo-me disso, consegui que, durante meses inteiros, não houvesse desavenças entre camaradas e, ainda menos, rixas e intrigas entre eles. E logrei-o sem fazer finca-pé em quem tinha razão e quem era culpado, mas ensinando-lhes exclusivamente a dominar-se.

Hoje, continuo a considerar condição extraordinariamente importante o fato de o comuneiro não dever apoiar-se no corrimão da escada, dirigir-se respeitosamente aos mais velhos e apresentar-se trajado sem margem para a mínima censura.

A nossa norma de conduta era assim, nesse aspecto. Zemlianski, hoje nomeado chefe dos serviços domésticos, ordena a um rapaz:

- Nikolái, traz-me papel e lápis. - E se o visado se afastar correndo, inquirirá: - Que maneiras de andar são essas?

- Compreendido! Trazer lápis e papel!

Esta bizarra externa, esta noção da forma, também determina o conteúdo interno da conduta. Assim, os mesmos rapazes, Zemlianski e Nikolái, podem passar o dia jogando a bola, mas

naquele momento, um é chefe e o outro subordinado. E, naturalmente, deverá existir certa forma externa nas suas relações.

Quando imponho uma sanção, também não a considero aceita, enquanto não ouço dizer:

- Compreendido!

Esta forma de cortesia estabelecida nas relações práticas é de uma utilidade extraordinária, mobilizando a vontade do indivíduo e obrigando-o a concentrar-se; esta forma, repito, define o tipo de relações de trabalho e ensina o homem a distinguir: uma coisa é a amizade, vizinhança, carinho e companheirismo e outra o trabalho. E esta norma de conduta desperta respeito especial pelo trabalho.

Penso que talvez se possa prescindir disto, mas insisto em que se trata da forma mais viável de educação pelo trabalho, a forma externa das relações laborais. E esta forma externa determina com frequência o próprio conteúdo.

Mais tarde, na comuna, isto adquiriu um caráter tão cotidiano, chegou a ser um fenômeno tão natural, que não concebíamos outra forma de vida. Entre os rapazes mais jovens o reflexo da saudação calara tão fundo, que nunca alguém poderia dizer: está a brincar, isto é um jogo. No entanto, quando o rapaz entabula relações oficiais, essa atitude aflora da forma mais natural, manifestando-se nele esse reflexo de relação prática.

És vezes, um rapaz brinca no pátio, está imerso no exercício, excitado. Uma das suas correrias o conduz casualmente às proximidades do seu chefe de serviço, o qual lhe dirige qualquer pequena recomendação. O rapaz reage imediatamente e adota a atitude devida. Penso que isto se reveste de muita importância e utilidade.

Ora, estas normas de comportamento externo carecem de sentido, quando não existe nem se inculca um certo estilo geral. E quando se quiser introduzir essa compostura externa sem educar a capacidade de orientação, o autodomínio, quando não se inculcam a responsabilidade nem a pontualidade no trabalho, quando não existe a responsabilidade unipessoal nem o espírito de defesa, não haverá, naturalmente, essa forma de comportamento externo, ou seja, não terá o mínimo sentido. E apenas quando impera um estilo comum a todos, um estilo estruturado

no movimento e conteúdo coletivo constantes, não subsistem dúvidas de que essa forma de amabilidade externa, porventura com alguns indícios militares, mas em geral, se exceder o âmbito do movimento dos pioneiros, resultará necessária e útil e reforçará consideravelmente a coletividade.

Não posso conceber uma coletividade na qual uma criança quisesse viver, da qual pudesse se orgulhar, se ela carecer de atrativo externo. Não se podem desdenhar os aspectos estéticos da vida. E precisamente nós, os pedagogos, padecemos com frequência de um certo niilismo, no tocante à estética.

A estética da roupa que vestimos, da habitação, da escada e da máquinas tem a mesma importância que a estética da nossa conduta. Que é, pois, a estética da conduta? Exatamente a maneira correta de se comportar adquirida por determinada forma. A própria forma constitui a característica de uma cultura mais elevada.

Por isso nos encontramos aqui com mais um capítulo das nossas preocupações: chegando à estética como resultado do estilo, como seu expoente, principiámos depois a entender também esta como fator em si educativo.

Não vos posso enumerar todas as normas de uma vida bela, mas tenho possibilidade de vos dizer que esta vida esplendorosa deve existir obrigatoriamente. E a vida bela das crianças não é a mesma coisa que a vida bela dos adultos. As crianças têm o seu tipo emocional próprio, um grau particular para a expressão dos seus movimentos espirituais. E esse primor na coletividade infantil não pode imitar inteiramente a beleza de uma coletividade de adultos.

Detenhamo-nos, por exemplo, no jogo. Numa coletividade infantil, devem praticar-se obrigatoriamente jogos: o grupo de crianças que não jogar não será uma autêntica coletividade infantil. No entanto, esse passatempo não deve residir apenas em que a criança corra e jogue bola, mas em que, cada minuto da sua vida constitua para ela um pouco de jogo, em que, jogando, se aproxime, só, de um certo grau de imaginação, de fantasia, imagine um pouco que é alguém, experimente certa noção íntima de algo maior. A imaginação apenas se desenvolve numa coletividade que pratique sempre jogos. E eu, como pedagogo, devo jogar um pouco com aqueles que a integram. Se a minha função se limita a ensinar, exigir, insistir, transformo-me numa força estranha, talvez útil, mas não íntima.



Devo obrigatoriamente jogar um pouco, e isto também o exigia a todos os meus colegas.

É claro que agora, ao falar-vos, sou um homem completamente diferente, mas quando trato com crianças, vejo-me obrigado a adotar um tom especial, exteriorizar engenho, distribuir sorrisos, mas não qualquer sorriso fictício: um sorriso simplesmente agradável, suficientemente pletórico de imaginação. Devo ser mais um membro da coletividade, que não só influi nela, como lhe proporciona satisfação. E como também devo ser expressivamente estético, nunca me apresentei aos alunos com as botas sujas ou sem cinto. Também devo irradiar um certo brio, naturalmente, na medida das minhas forças e possibilidades. Nunca manifestei melancolia, nem meu rosto exprimiu tristeza. Mesmo quando estava aborrecido ou me sentia indisposto, devia ocultá-lo às crianças.

Mas também devo saber zangar-me. Li, o ano passado, na revista pedagógica, o que se recomendava sobre o tom em que nos devemos dirigir aos educandos. Uma passagem dizia, mais ou menos, o seguinte: o pedagogo deve falar aos educandos num mesmo tom de voz. Porque? Por que motivo sempre em voz igual? Penso que o pedagogo que proceder assim se tornará tão fastidioso, que todos acabarão por o odiar. O pedagogo deve mostrar-se alegre, encorajador, mas quando se faz alguma coisa indevidamente, também deve saber elevar a voz, para que compreendam que está de fato irritado e não se trata de uma simples mescla de indignação e preceitos pedagógicos.

Esta exigência refere-se a todos os trabalhadores da pedagogia. Pus de lado, sem o mínimo peso na consciência, pedagogos magníficos, pelo fato de se mostrarem sempre melancólicos, tristes. O adulto que trabalha numa coletividade infantil deve saber conter e dissimular suas amarguras.

A coletividade também deve se embelezar exteriormente. Assim mesmo quando a amostra era pobre, a primeira coisa que sempre fazia residia em construir uma estufa, e não de qualquer modo, mas calculada para um hectare de flores, sem olhar ao custo. Cultivávamos obrigatoriamente rosas; crisântemos e rosas e não quaisquer flores insignificantes. Essas flores não só adornavam os dormitórios, refeitórios, aulas e gabinetes, como as escadas.

Pois bem, as flores, o asseio da roupa, a limpeza das dependências e brilho do calçado

devem existir em toda a coletividade infantil. Os sapatos devem estar sempre reluzentes, pois sem isso não há educação possível. Não só os dentes, mas também o calçado. No vestuário não deve haver o mais remoto indício de pó. E deve verificar-se idêntica exigência quanto ao cabelo. Que se penteiem da maneira que quizerem, mas que pareça um penteado. Para tal, uma vez por mês, o que estava de serviço na comissão sanitária percorria os dormitórios munidos de máquina de cortar cabelo e, todo aquele que surpreendia despenteado, raspava-o parcialmente e mandava-o à barbearia. Assim, todos se apresentavam sempre penteados.

Esta exigência em relação à higiene deve observar-se muito rigorosamente. Meio ano depois de ter abandonado a comuna Dzerzhinski, voltei lá com uma revisão de Kiev. Como era natural, todos acorreram a apertar-me a mão, manifestando as mais diversas formas de afeto, etc. Quando percorria os dormitórios, notei que não se apresentavam como habitualmente: pó nos móveis, no lugar ocupado por Yanovski, o meu melhor chefe de destacamento, havia um lençol no chão, quando abri o armário, vi que continha um monte de lixo, etc. Não pronunciei uma palavra em tom suave. Pelo contrário, em voz áspera, determinei: “Dez horas de detenção e não quero ver mais nada. Amanhã, eu próprio fiscalizarei a limpeza.” És quatro e meia da manhã seguinte, já tinham me enviado um automóvel que deveria conduzir-me a Járkov, e, quando cheguei, não consegui detectar uma única partícula de pó. “Como arranjaram temo?”, perguntei. “Não nos deitamos”, foi a resposta. Compreendo perfeitamente que as minhas exigências são diferentes das de outros, mas bastou que aliviasse um pouco a pressão, para que o tom e o estilo desaparecessem do trabalho. Convém ter isto bem presente no espírito. Na aula, antes de principiar a lição, aquele que está de serviço na comissão sanitária pergunta ao professor: “Está satisfeito com o asseio de nossa aula?”

Em que situação ficará o interpelado se responder afirmativamente e o representante da comissão sanitária encontrar uma infinidade de defeitos? O professor acha-se satisfeito e, afinal, um dos alunos tem as unhas compridas, a sala está suja, a carteira toda riscada. Assim, todo o professor era forçado a exigir asseio e higiene na aula.

Também não permitia que um professor se apresentasse na aula com aspecto desmazelado. Por esse motivo, tornou-se hábito entre nós comparecer no trabalho com o melhor fato. Eu

próprio procedia do mesmo modo. Assim, nossos pedagogos, o engenheiro e o arquiteto trajavam como autênticos janotas.

Todas essas coisas têm muita importância. A mesa, por exemplo. Pode-se cobrir com um oleado, que é higiênico. Não obstante, só a toalha branca ensina a comer com urbanidade, enquanto o oleado, pelo contrário, pode induzir à falta de cuidado pelas maneiras. Resulta impossível ensinar a comer de forma educada, se a mesa não apresentar uma toalha branca.

Deduz-se de tudo isso que se devem formular exigências sérias em relação a cada pormenor, quer se trate de compêndio de estudo, da caneta ou do lápis. Um lápis mordiscado, por exemplo, de modo algum se deve aceitar. Deve também apresentar-se bem aguçado. Que significa um aparo que arranha e não escreve ou uma mosca no tinteiro, etc? Esses milhares de pormenores têm de ser levados em consideração nos métodos pedagógicos. É claro que uma única pessoa não pode estar ao corrente de tudo, mas quando a coletividade se encarrega disso e conhece o valor dessas pequenas coisas, não subsiste a mínima dúvida de que se podem corrigir por completo.

Terminarei aqui. Considero que a obra

realizada por mim e os meus colaboradores também foi compartilhada por muitas outras pessoas na União Soviética. Apenas me diferencio delas no fato de sentir a necessidade de exigir estas normas a todos, ou seja, um impulso interno de propagar essas teses correntes, que não constituem exclusivo meu e são aplicadas por muitos pedagogos do nosso país.

Sinto igualmente a necessidade de as sistematizar. Também observei que, em muitas de nossas escolas, existe uma experiência excelente e dispomos de magníficas coletividades, perfeitamente organizadas, com o seu próprio centro de ação, estilo, atrativo singular. Penso que esta experiência exige sistematização. Seria pena que se perdesse uma experiência gigantesca de vinte anos da pedagogia soviética. Só isto me obriga a escrever o mais possível. É natural que me engane e confunda, com frequência, mas impõem-se que façamos progredir a propaganda da experiência pedagógica soviética.

Considero dever especial de cada um de vós, na qualidade de dirigentes do Comissariado do Povo de Instrução Pública, a adoção de certas medidas que resumam essa experiência e contribuam para a propaganda das melhores instituições pedagógicas soviéticas.

## **1995: 3º Congresso Nacional do MST**

*"Reforma Agrária: uma luta de todos"*

**Produção:** Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST  
Setor de Educação

**Digitação:** Deisi Costa Cocco  
**Diagramação:** Zenaide Busanello  
**Apoio:** Bruder In Not - Áustria

### **Pedidos:**

Secretaria Nacional - MST  
Rua Ministro Godoy, 1484  
05015-900 - São Paulo - SP  
Fone: (011)864-8977  
Fax: (011)871-4612